

## SIMPÓSIO AT124

### QUANDO RELACIONAR (NÃO) É OPOR: DAS RELAÇÕES LEXICAIS MÚLTIPLAS À ANTONÍMIA NO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

MORGADO, Celda Gonçalves  
Escola Superior de Educação (Politécnico do Porto), CLUP, inEd  
[celda@ese.ipp.pt](mailto:celda@ese.ipp.pt)

BAPTISTA, Maria Adriana  
Escola Superior de Media Artes e Design (Politécnico do Porto), uniMAD  
[mab@esmad.pt](mailto:mab@esmad.pt)

COSTA, José António  
Escola Superior de Educação (Politécnico do Porto), CLUP, inEd  
[joséacosta@ese.ipp.pt](mailto:joséacosta@ese.ipp.pt)

**Resumo:** Linguisticamente, o contraste (de itens lexicais, de semas e de morfemas) está na base de relações lexicais de natureza diversa. Uma criança consegue, desde cedo, compreender que diferentes palavras apresentam diferentes significados (SERRA *et al.*, 2013), o que se afigura relevante em várias operações cognitivas. Contudo, o tratamento das relações semânticas entre palavras no 1.º Ciclo do Ensino Básico, em Portugal, tem-se circunscrito, nos dois primeiros anos de escolaridade (BUESCU, MORAIS, ROCHA & MAGALHÃES, 2015), à abordagem da antonímia e da sinonímia, afastando para ciclos posteriores as relações de inclusão e de hierarquia e perpetuando, assim, um ensino dicotómico e descontextualizado (BAPTISTA *et al.*, 2017; 2019). Entre os estudos científico-pedagógicos é indiscutível a urgência da mudança de paradigma. Esta pressupõe um conhecimento científico atualizado por parte dos professores, razão que justifica a abordagem desta temática neste texto: apresentaremos a noção de oposição, a sua relevância na estruturação do Léxico Mental e o modo como se torna produtiva para a caracterização das relações lexicais (GUTIERREZ-ORDOÑEZ, 1996), em particular, da antonímia, no quadro das relações múltiplas (CRUSE, 2001); seguidamente, avaliaremos as estratégias linguísticas disponíveis para a expressão de oposições antonímicas, convocando critérios semânticos e formais (LYONS, 1977; COSERIU, 1991; LEHMANN & MARTIN-BERTHET, 2008), mas também pragmático-discursivos, cognitivos (TEIXEIRA, 2005) e históricos; finalmente, veremos de que modo os contributos da investigação em diferentes áreas da Linguística se refletem nos documentos orientadores do ensino em Portugal e nos manuais escolares, comparando o modo como se preconiza a abordagem das relações lexicais nesses materiais.

**Palavras-chave:** Relações lexicais múltiplas; antonímia; ensino da língua portuguesa; 1.º CEB em Portugal.

**Abstract:** Linguistically, contrast (of lexical items, semes and morphemes) is at the basis of diverse lexical relations. From an early age, a child can understand that different words have different meanings (SERRA et al., 2013), which seems to be relevant in several cognitive operations. However, the lexical relations approach at Portuguese primary school has been confined, during the first two years of primary school (BUESCU, MORAIS, ROCHA & MAGALHÃES, 2015), to antonymy and synonymy, relegating for later grades the relations of inclusion and hierarchy and thus perpetuating dichotomous and decontextualized teaching (BAPTISTA et al., 2017, 2019). Among scientific-pedagogical studies, the urgency of a paradigm shift is indisputable. This presupposes an up-to-date scientific knowledge for teachers, which justifies the approach of this subject in this text: we will present the notion of opposition, its relevance in structuring the Mental Lexicon and how it becomes productive for the characterization of lexical relations (GUTIERREZ-ORDOÑEZ, 1996), in particular, of antonyms, in the context of multiple relations (Cruse, 2001); we will then evaluate the linguistic strategies available for the expression of antonymic oppositions, within semantic and formal criteria (LYONS, 1977; COSERIU, 1991; LEHMANN & MARTIN-BERTHET, 2008), but also following pragmatic-discursive, cognitive (TEIXEIRA, 2005) and historical criteria; finally, we will see how contributions of research in different areas of Linguistics are reflected in the Portuguese teaching guidelines and in textbooks, comparing the way in which the approach of lexical relations in these materials is recommended.

**Keywords:** multiple lexical relations; antonymy; Portuguese language teaching; Portuguese primary school teaching.

## Introdução

Da experiência de docentes de Português e formadores de educadores e professores dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, em Portugal, na área da Linguística e da Didática da Língua Materna, e após pesquisa científica e pedagógica, percebemos que a abordagem didática que é feita ao estudo das unidades que compõem o Léxico do português e das relações semânticas e morfológicas que se estabelecem entre elas condiciona a aquisição de conhecimentos cientificamente corretos e o desenvolvimento de competências linguísticas e de competências de cidadania nas crianças<sup>1</sup> (BAPTISTA et al, 2019).

---

<sup>1</sup> Foi neste contexto que se desenvolveu o projeto designado *Língua e Cidadania: relações entre palavras e conhecimento do mundo* (Referência: LIN/145558/2016) e cujos produtos pedagógicos serão apresentados num outro trabalho. Este projeto foi financiado pelo Programa Gulbenkian 2016, na área *Projetos de Investigação em Estudos Avançados em Língua e Cultura Portuguesas*, da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa/Portugal, e cuja equipa integrou os investigadores Adriana Baptista (coordenadora), João Azevedo e Luís Leite, docentes da Escola Superior de Média Artes e Design do Politécnico do Porto, Celda Morgado, Inês Oliveira, José

Como é largamente sabido dos estudos cognitivistas, o significado, uma das componentes cognitivas do item lexical, constrói-se e diversifica-se em função de um grande número de variáveis e apresenta características como a flexibilidade interna e o perspectivismo, gerados, muitas vezes, pelo conhecimento enciclopédico dos falantes, pelo contexto (linguístico e situacional) e pelo uso que fazem da língua (SILVA, 2006). Assumindo que o Léxico Mental se encontra em constante mutação e enriquecimento, seja na dimensão do significado, seja do significante, e é inevitável o papel da compreensão da subjetividade em cada um nessa permanente (des)construção, compreende-se que a concetualização da imagem mental é individual e contextual, o que pressupõe e instaura o estabelecimento de múltiplas relações entre as suas unidades (já estabilizadas e/ou em aquisição) e destas com o pensamento e o mundo (FERNANDES, 2009). A organização mental dos itens lexicais (Léxico Mental e suas relações internas) é complexa, resulta de atividades processuais e experienciais de significado e tem uma base múltipla, assente em redes associativas que se (re)constroem a cada atualização nos discursos (CHOUPINA, COSTA e BAPTISTA, 2013, p. 730). Será esta dimensão de construção de significado e de relações múltiplas entre itens lexicais que tentaremos discutir neste artigo.

A apresentação dos conteúdos programáticos sobre as relações semânticas e morfológicas entre palavras e as estratégias de organização do Léxico nos documentos oficiais e reguladores do ensino do Português, bem como nos manuais escolares e, naturalmente, nos discursos pedagógicos do docente, em Portugal, nem sempre reflete os avanços científicos verificados no seio da Linguística Educacional e em outras áreas científicas como a Linguística Cognitiva, a Linguística Aplicada e a Didática de Línguas. Foi esta perspetiva de falta de diálogo entre conhecimentos científicos e científico-pedagógicos dos

---

António Costa e Joana Querido, da Escola Superior de Educação do mesmo Politécnico, e Iolanda Ribeiro, docente e investigadora da Universidade do Minho, Portugal.

vários agentes educativos e destes com e a partir dos materiais (normativos e pedagógicos) que nos levou a equacionar as várias dimensões implicadas no estudo do Léxico e das relações semânticas e morfológicas entre unidades lexicais.

## **1. Entre o Ensino e a Investigação: o caso das relações de antonímia no 1.º Ciclo do Ensino Básico em Portugal**

As relações semânticas entre palavras configuram um conjunto significativo de possibilidades, envolvendo a oposição, a hierarquia, a inclusão e a semelhança, descritas na literatura há algumas décadas e de várias perspetivas (LYONS, 1977; OSTRÁ, 1987; COSERIU, 1991). Neste ponto do artigo, procuraremos descrever a problemática das relações de antonímia, considerando a investigação conduzida em várias áreas da Linguística e que nem sempre é, ainda, capitalizada em contexto pedagógico. Na verdade, apesar da heterogeneidade e da complexidade que caracterizam as relações lexicais entre palavras, o ensino deste tema começa, implicitamente, na Educação Pré-Escolar, com jogos educativos em que se propõe a aprendizagem do Léxico e das suas relações por associação de itens lexicais descontextualizados e, conseqüentemente, se relacionam realidades diferentes por eles veiculadas mas não necessariamente opostas e, explicitamente, logo no 1.º Ciclo do Ensino Básico, por uma abordagem redutora da antonímia e da sinonímia.

### **1.1. Quando relacionar parece ser opor: os *antónimos nos documentos reguladores e orientadores do Ensino***

Nos documentos reguladores do ensino, designadamente nos *Programas e Metas Curriculares de Português para o Ensino Básico* (BUESCU, MORAIS, ROCHA & MAGALHÃES, 2015), ainda em vigor em Portugal, apesar da adoção

das recentes *Aprendizagens Essenciais* (DGE-MEC, 2018), nos conteúdos previstos para os 1.º e 2.º anos, secções G1 e G2 (domínio *Gramática*), prevê-se o reconhecimento de sinónimos e antónimos (BUESCU, MORAIS, ROCHA & MAGALHÃES, 2015, pp. 10, 12) e, no 3.º ano, secção G3, apenas se referem sinónimos e antónimos (BUESCU, MORAIS, ROCHA & MAGALHÃES, 2015, p. 15), sem qualquer especificação quanto à competência a mobilizar. Nas metas correspondentes, encontramos, no âmbito do descritor “Compreender formas de organização do léxico”, referência à capacidade de “verificar que há palavras que têm significado semelhante e outras que têm significado oposto” (BUESCU, MORAIS, ROCHA & MAGALHÃES, 2015, pp. 47, 52), para os dois primeiros anos, e, para o terceiro, “identificar relações de significado entre palavras: sinónimos e antónimos” (BUESCU, MORAIS, ROCHA & MAGALHÃES, 2015, p. 57). Esta é, em conjunto com a *família de palavras*, a única menção às relações lexicais ao longo do 1.º CEB, deixando para momentos posteriores relações de hierarquia e de inclusão eventualmente mais produtivas e cognitivamente mais significativas e reduzindo, sob um único lexema (*antónimos*), um conjunto de possibilidades de relações de contraste que os itens lexicais podem estabelecer, como veremos mais adiante, neste texto.

As *Aprendizagens Essenciais do Português* (DGE-MEC, 2018) configuram um cenário diferente. Este documento incorporou algumas sugestões que constam de um parecer dirigido à DGE-Direção Geral de Educação (MORGADO, BAPTISTA, COSTA, QUERIDO & OLIVEIRA, 2018), elaborado durante o período de consulta pública, e que redigimos enquanto docentes que formam educadores e professores do Ensino Básico. Privilegia-se aí, como podemos verificar na Tabela 1, que sintetiza as referências às relações semânticas e morfológicas entre palavras em tais documentos, uma referência a *relações múltiplas* entre palavras nos dois primeiros anos, valorizando uma complexidade de que ainda neste artigo nos ocuparemos, coligindo informação proveniente de uma investigação interdisciplinar no âmbito da Linguística.

Tabela 1: *Síntese da análise dos documentos reguladores do Ensino do Português em Portugal: Programas e Metas Curriculares de Português para o Ensino Básico (BUESCU, MORAIS, ROCHA & MAGALHÃES, 2015) e Aprendizagens Essenciais do Português (DGE-MEC, 2018)* (Fonte: elaboração própria)

	Domínios	Programa e Metas (2015)	Aprendizagens Essenciais (2018)
1.º ano	Oralidade	- Alargamento e adequação do vocabulário; - Identificação de palavras desconhecidas;	---
	Leitura e Escrita	- Apropriação de novos vocábulos; - Reconhecimento do significado de novas palavras do conhecimento do mundo; - Identificação de significados por expressões de <u>sentido equivalente</u> .	---
	Gramática	- Relações de <u>sinonímia</u> e <u>antonímia</u> na sua forma oral - Relações de <u>sinonímia</u> e <u>antonímia</u> na sua forma escrita	- <b>Descobrir e compreender o significado de palavras pelas múltiplas relações que podem estabelecer entre si</b>
2.º ano	Oralidade	- Alargamento e adequação do vocabulário - Apropriação de novas palavras	---
	Leitura e Escrita	- Inferência de sentido de palavras desconhecidas; - Utilização de sinónimos	Escrita – Redigir textos coerentes e coesos com recurso a [...] a sinonímia e a pronominalização
	Gramática	- Relações de <u>sinonímia</u> e <u>antonímia</u> na sua forma oral - Relações de <u>sinonímia</u> e <u>antonímia</u> na sua forma escrita	- <b>Depreender o significado de palavras a partir da sua ocorrência nas diferentes áreas disciplinares curriculares;</b> - Desenvolver o conhecimento do lexical, passivo e ativo
3.º ano	Oralidade	- Extrair significado a partir do contexto oral - Mobilização de vocabulário diversificado	---
	Leitura e Escrita	- Ampliação e desenvolvimento do léxico: aquisição e organização	---
	Gramática	---	- <b>Depreender o significado de palavras a partir da sua análise e a partir das múltiplas relações que podem estabelecer entre si</b>
4.º ano	Oralidade	- Extrair significado a partir do contexto oral - Mobilização de vocabulário diversificado	---
	Leitura e Escrita	- Ampliação e desenvolvimento do léxico: aquisição e organização	---
	Gramática	---	- Inferir o significado de palavras desconhecidas a partir da análise da sua estrutura interna (base, radical e afixos)

## 1.2. Quando relacionar parece ser (novamente) opor: os *antónimos* em *materiais didáticos*

A abordagem redutora proposta no Programa e Metas (2015) reflete-se, em parte como consequência do que é possível observar nestes documentos enquadramentos do ensino em Portugal, não só em manuais e práticas escolares, mas também em alguns materiais auxiliares. As práticas de um ensino dos itens lexicais e das relações de oposição numa perspetiva binária e dicotómica, e descontextualizado linguisticamente, têm início, de um modo implícito, em materiais direcionados, inclusive, para a Educação Pré-escolar, como podemos observar pelo exemplo presente na Figura 1.



Figura 1: *Dominó dos contrastes*

Fonte: [https://scontent-dfw5-1.cdninstagram.com/vp/db6592f00fc23af4871e30d68d2cf935/5D8EA85F/151.2885-15/e35/37568370\\_1909478445776632\\_3840042594776121344\\_n.jpg?\\_nc\\_ht=scontent-dfw5-1.cdninstagram.com&se=7&ig\\_cache\\_key=MTgzNjE4NDc4MDg0MTA5OTQzNA%3D%3D.2](https://scontent-dfw5-1.cdninstagram.com/vp/db6592f00fc23af4871e30d68d2cf935/5D8EA85F/151.2885-15/e35/37568370_1909478445776632_3840042594776121344_n.jpg?_nc_ht=scontent-dfw5-1.cdninstagram.com&se=7&ig_cache_key=MTgzNjE4NDc4MDg0MTA5OTQzNA%3D%3D.2)

Os termos relativamente aos quais se solicitam contrastes surgem descontextualizados, sem evocação clara de contextos concretos de possível utilização, certamente mais significativos para o público-alvo. Por outro lado, o suporte icónico nem sempre é inequívoco, cenário particularmente complexo pelo facto de muitas crianças destinatárias deste produto não dominarem ainda as regras do código escrito, o que é suscetível de confinar o acesso ao referente tendo apenas em consideração a dimensão visual. O par de imagens alusivas a *dia/noite* (canto superior direito), por exemplo, poderá, atendendo às imagens, ser facilmente *traduzido* como *sol/lua*, ícones efetivamente presentes. Não só os (supostos) índices são passíveis de leituras diversas e, portanto, mais do domínio do simbólico, como cognitivamente são suscetíveis de evocar representações díspares e múltiplas: é possível ver a lua com a luz do dia ainda presente e há vários dias nublados em que a visibilidade do sol fica claramente comprometida.

Também numa perspectiva linguística se levantam problemas a partir deste material. Os contrastes presentes não se limitam, do ponto de vista do mundo que configuram, da conseqüente organização do léxico mental e da sua tradução linguística, a uma dicotomia. Assim, entre o *dia* e a *noite* encontramos uma grande variedade de estados e momentos do ciclo, como o *crepúsculo*, o *amanhecer*, por um lado, e o entardecer e anoitecer, por outro; e, ao lado de *quente* e *frio*, representados por uma chávena de chá e um gelado, respetivamente, identificamos a *ferver* ou *quentíssimo*, *morno*, *frio* ou *gelado*, situações com evocação lexical disponível. Mesmo se tal não se verificar lexicalmente, é possível construir linguisticamente uma escala que contemple, em cenários pragmaticamente justificados, *meio-cheio* e *meio-vazio* ou *meio-aberto* e *meio-fechado*, sendo tal uma questão, muitas vezes, de perspectiva física ou relativa a juízos de valor subjetivos. Quantas vezes o *gordo* para uns é o *magro* para outros e até a mesma pessoa, em grupos diferentes, se identifica mais com um *epíteto* ou com outro, reagindo, igualmente, a estereótipos sociais que tendem a penalizar ou a sobrevalorizar, dependendo das comunidades em causa e das épocas históricas, um determinado ideal estético com base na aparência física.

Alguns destes problemas são comuns ao exercício apresentado na Figura 2, que recolhemos em recursos didáticos destinados ao 1.º CEB e apresentamos como exemplo mais prototípico neste âmbito (cf. dados apresentados em BAPTISTA, CHOUPINA, COSTA, QUERIDO, & OLIVEIRA, 2017).



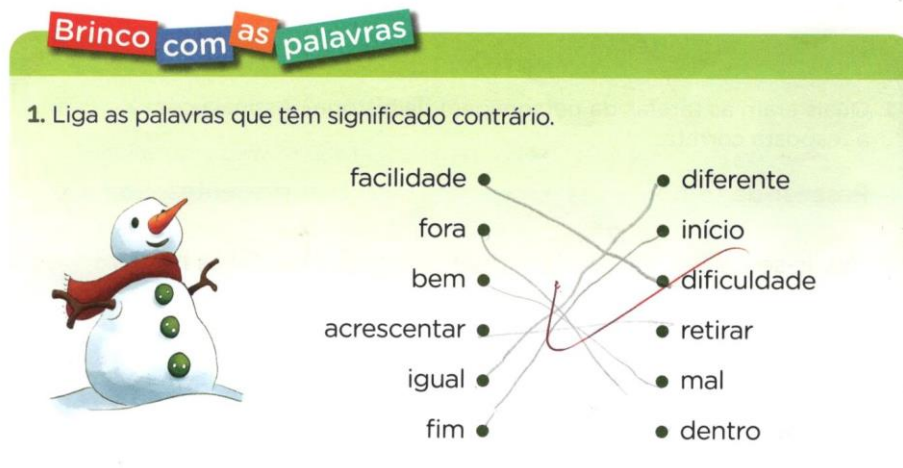


Figura 2: Exercício sobre antónimos (Fonte: Letras e Borges, 2012, manual de Português de 2.º ano de escolaridade)

Quando se pede aos alunos que identifiquem “palavras que têm significado contrário”, reduz-se o mundo à língua e uma diversidade de possibilidades a uma visão binária e dicotómica. Apesar de *contrário* ser diferente de *contraditório*, aquilo que se espera, neste exercício, é que as crianças vejam apenas dois lados de uma moeda e não uma *paleta* com diversas cores, como se as experiências de cada um se reduzissem ao *bem* e ao *mal*, à *facilidade* e à *dificuldade*, ao *igual* e ao *diferente*. Tal cenário, como veremos na secção seguinte, conflitua com as evidências relativas à organização do léxico mental do indivíduo e compromete, por isso, um ensino cientificamente sustentado e pedagogicamente significativo das relações semânticas entre palavras.

Até mesmo uma eventual e produtiva ponte entre léxico, semântica e morfossintaxe é aqui desvalorizada, surgindo as palavras distribuídas aleatoriamente, quando seria possível organizá-las tendo em consideração as classes a que pertencem e os vários *itens lexicais* com que cada uma pode relacionar-se de acordo com determinadas variações sémicas ou, em alternativa mais produtiva, serem apresentadas em contexto sintagmático, numa narrativa capaz de as colocar em contextos significativos.

Um dos primeiros estudos realizados no âmbito do projeto *Língua e Cidadania* (verificar *Nota de rodapé 1*) foi a observação e análise de gramáticas e manuais escolares no que às relações semânticas entre palavras diz respeito. Foram consultados e analisados 409 materiais (físicos e digitais), sendo 164 gramáticas e 245 manuais. Os primeiros dados analisados (verificar Figura 3, abaixo) permitiram-nos perceber que o maior número de ocorrências no que se refere às relações entre palavras recai sobre as relações semânticas de antonímia e sinonímia binárias e as relações morfológicas de famílias de palavras, sendo que tais itens são, frequentemente, apresentados de forma descontextualizada, em listas ou colunas (BAPTISTA, CHOUPINA, COSTA, QUERIDO & OLIVEIRA, 2017).

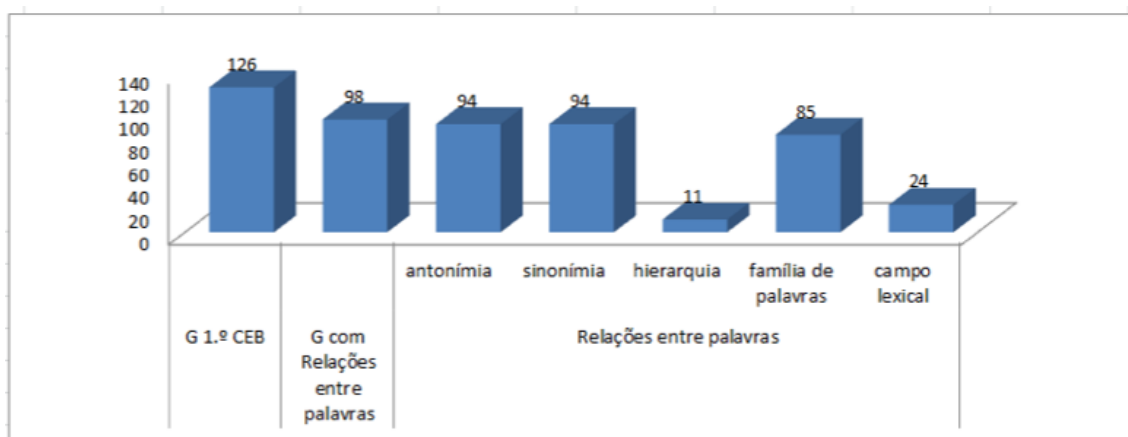


Figura 3: Ocorrências de tipos de Relações semânticas e morfológicas entre palavras em Gramáticas escolares do 1.º CEB editadas até 2016 (Fonte: BAPTISTA, CHOUPINA, COSTA, QUERIDO & OLIVEIRA, 2017)

Deste primeiro estudo exploratório, concluímos haver necessidade de elaboração de materiais didáticos que apresentem de forma contextualizada (e, se possível, em narrativas bimodais) os itens lexicais em relações múltiplas e não em opostos binários. Foi nesta linha que continuamos a trabalhar e se desenvolveu o projeto *Língua e Cidadania*, no sentido de vir a disponibilizar (em alternativa às estratégias constantes dos manuais escolares e das gramáticas) narrativas criadas especificamente para o ensino do Léxico e das relações

semânticas e morfológicas entre palavras, cujos itens lexicais se inserem em contexto de complexidade sintagmática, e não em listas, em tabelas ou colunas, sem relação com o contexto semântico e morfossintático que um enunciado e um texto, nomeadamente, narrativo, instalam.

Num outro estudo realizado sobre relações semânticas entre palavras, especificamente a sinonímia e a antonímia, as conclusões vão no mesmo sentido quanto ao predomínio de tarefas com palavras soltas ou em lista no que à relação de antonímia diz respeito (verificar dados no gráfico da Figura 4).

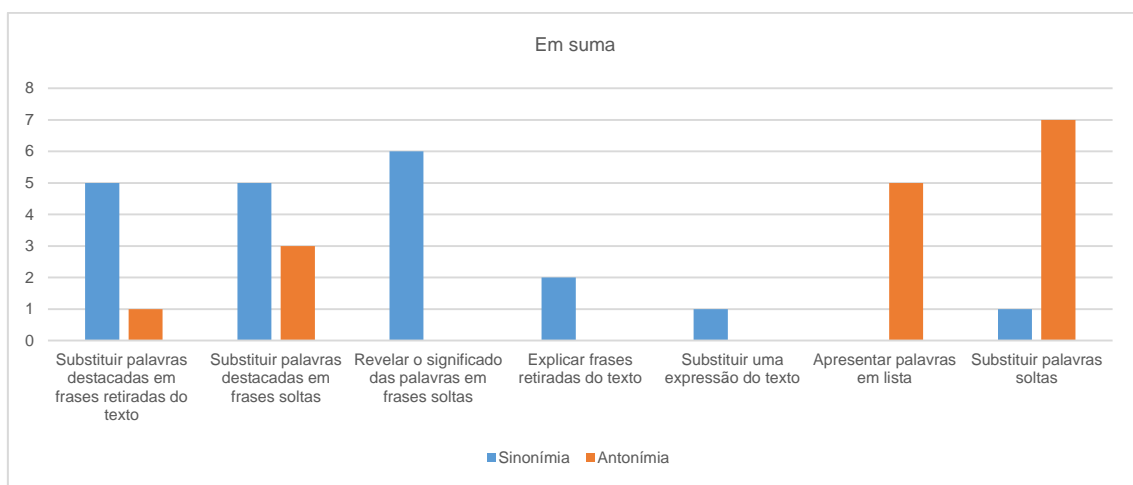


Figura 4: Ocorrências de tipos de tarefas e exercícios em manuais escolares de Português – 1.º ao 4.º anos – sobre sinonímia e a antonímia (Fonte: FERREIRA, MOREIRA e MORGADO, 2019)

## 2. Quando relacionar não é estritamente opor: perspectiva científico-pedagógica das relações de antonímia

O ponto de partida da nossa investigação sobre o Léxico foi o conceito de família de palavras e as suas indefinidas fronteiras com os conceitos de campo semântico e de campo lexical, dado que se trata de conteúdos e/ou formas de organização do Léxico abordados explicitamente no 1.º Ciclo do Ensino Básico e que levantam frequentemente dúvidas a professores e a alunos. Assim, em CHOUPINA, BAPTISTA e COSTA (2013), enunciámos algumas problemáticas correlacionadas com o conceito de família de palavras e a associação que pode estabelecer com as relações semânticas entre palavras, procurando combinar

informações de natureza sincrónica e diacrónica e refletir sobre as implicações que aqueles contributos podem trazer ao ensino do português.

Especificamente quanto às relações de oposição, estas inscrevem-se num quadro mais amplo de relações lexicais que podem ocorrer ao nível do significante (homonímia, homografia, homofonia, paronímia) e ao nível do significado (identidade e inclusão; oposição e exclusão – CRUSE, 2001). Esta constatação permite-nos, desde logo, equacionar variadas possibilidades de analisar situações de correspondência entre itens lexicais, salvaguardando, contudo, que a linguagem é arbitrária e que, por isso, as relações lexicais não correspondem necessária e diretamente às relações do mundo. No ensino, como vimos, e até nos estudos lexicológicos, é, contudo, por vezes, confundido o *significatum* (conteúdo linguístico) com o *designatum* (realidade extralinguística), como constatou, por exemplo, COSERIU (1991).

Temos a consciência de que as oposições, ainda que pobres e falaciosas, ajudam a visibilizar a dimensão semântica, porquanto a oposição é uma noção central nos estudos sobre o Léxico e na organização do Léxico Mental, estando subjacente a outros tipos de relação. No âmbito do hiperónimo *árvores de fruto*, por exemplo, *macieira* e *pereira* aproximam-se como hipónimos, mas contrastam por oposição porque dão origem a frutos diferentes (e evidenciam propriedades diversas). De um ponto de vista estrutural, o valor dos significados resulta, assim, das oposições em que participam (GUTIERREZ-ORDOÑEZ, 1996).

Será, por isso, mais produtivo analisar esta questão tendo em consideração os matizes instituídos em situações comunicativas particulares, marcadas por condições pragmático-enunciativas e contextuais específicas. Em português, *fresco* pode opor-se a *quente* (tempo) ou a *seco* (pão), de tal modo que o *pão fresco* pode estar *quente*. *Seco*, por outro lado, pode organizar-se numa *família* de múltiplas relações com outros lexemas em função do contexto (linguístico e situacional), como é possível verificar na Tabela 2. É este dinamismo semântico-pragmático que defendemos para o ensino do Léxico e das relações semânticas entre palavras.

Tabela 2 - Exemplos de palavras que podem fazer par com **seco** em diferentes contextos e áreas

vinhos	humidade	vegetais	cabelo	carácter	físico	madeira
doce	seco	seco	seco	seco	seco	seca
meio-doce	húmido	fresco	normal	duro	enxuto	verde
seco	molhado	verde	oleoso	meigo		
meio-seco		murcho		falador		

Os opostos são, assim, termos que instauram incompatibilidades de um tipo especial, ou seja, são termos contrastantes que diferem em dimensões específicas, ou, mais especificamente, que ocorrem “entre componentes semânticos (semas, na terminologia estruturalista) das unidades e não entre as unidades globalmente consideradas” (TEIXEIRA, 2005, p. 21).

Assim, é viável admitir, igualmente, que “toute opposition antonymique repose, elle aussi, sur une dimension de ressemblance. Il n'est donc pas possible de considérer l'antonymie comme un degré maximum de la différence de sens, comme on est parfois tenté de le faire, mais plutôt comme une des manifestations de la tendance à la dichotomisation” (OSTRÁ, 1987, p. 11).

Tendo em consideração os estudos conduzidos por diversos autores (LYONS, 1977; OSTRÁ, 1987; COSERIU, 1991; GUTIERREZ-ORDOÑEZ, 1996; CRUSE, 2001), procurámos elaborar uma tipologia de oposições, que assenta sobre uma distinção básica entre binárias e não binárias e distingue termos contrários de termos contraditórios.

Assim, dentro dos opostos binários, encontramos lexemas que, na base, estabelecem uma relação contraditória, de tal modo que a afirmação de um item implica a negação de outro e vice-versa. Identificamos, aqui, os opostos complementares ou não graduáveis (*vivo/morto; abrir/fechar*), os opostos reversos, conversos ou simétricos (*pai/filho; comprar/vender*), os opostos direcionais (*entrar/sair*), os opostos privativos (*útil/inútil*) e os opostos pragmáticos (*macho/fêmea*). Estes últimos podem, sob certas condições contextuais, admitir contrastes múltiplos com itens não contraditórios, como se

verifica quando, por exemplo na área da saúde, juntamos ao regime público e ao regime privado possibilidades como *semipúblico* e *semiprivado*.

No âmbito dos opostos não binários, integramos aqueles que admitem uma gradação e estabelecem entre si uma relação contrária, mas não contraditória: a afirmação de um implica a negação de outro, mas o contrário não é obrigatório. Assim, *ser alto* significa *não ser baixo*, mas *não ser baixo* não significa forçosamente *ser alto*; ao lado de *alto* e *baixo* podemos encontrar *médio*, *enorme*, *ínfimo*. Temos aqui um subtipo de opostos não binários que se designam como antónimos ou graduáveis, estando a antonímia em sentido estrito confinada a esta aceção, embora em sentido lato possa abarcar outros tipos de oposição. Como sabemos, é frequente, em situações de ensino, estes termos serem reduzidos a oposições binárias, procedimento, como vemos, equívoco e redutor. Os outros dois subtipos aqui integrados são os resultantes de seriações e ordens (*primeiro*, *segundo*, *último*) e os opostos cíclicos (*janeiro*, *março...*).

### Breves conclusões

Apresentámos, de forma sintética, uma possibilidade de classificação dos opostos, permitindo-nos equacionar cenários diversificados quando analisamos as relações lexicais em contexto linguístico. Por muito que, por vezes, os termos opostos sejam mencionados em pares, é importante ter a consciência que essa visão pode limitar a consciência de que o mundo é plural e heterogéneo e admite leituras múltiplas e igualmente válidas. O ensino dicotomizado e *cinzento* destas questões pode conduzir a cristalizações lexicais desadequadas, cenário que procuramos problematizar através do projetos pedagógicos desenvolvidos em contexto pedagógico.

### Referências

BAPTISTA, Adriana; CHOUPINA, Celda; COSTA, José António; QUERIDO, Joana; OLIVEIRA, Inês. As relações entre unidades lexicais e o ensino da antonímia. In: ***International Conference on Research in Education***. Porto: Politécnico do Porto, 2017. URL: <https://porto-icre2017.eventqualia.net/pt/pt/>

- BAPTISTA, Adriana; CHOUPINA, Celda; COSTA, José António; AZEVEDO, João; QUERIDO, Joana; OLIVEIRA, Inês. *Antonímia e organização lexical em redes no 1º CEB: proposta didática com recurso a narrativas bimodais e à realidade aumentada. **Sensos-e, Revista Multimédia de Investigação em Educação***, número Extra Série, 2019, 35-41. ISSN 2183-1432, 2019.
- BUESCU, Helena, MORAIS, José, ROCHA, Maria Regina; MAGALHÃES, Violante. ***Programas e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico***. Lisboa: Ministério da Educação, 2015.
- CHOUPINA, Celda; COSTA, José António; BAPTISTA, Adriana Palavras em rede: diálogos entre Linguística Aplicada e História da Língua no ensino e na aprendizagem do português. In: TEIXEIRA, M. (orgs.) ***Ensinar e Aprender Português num mundo plural***. Escola Superior de Educação Santarém e Universidade Federal Uberlândia, 2013. ISBN: 978-972-9434-06-8.
- COSERIU, Eugénio. ***Principios de semântica estructural***. Segunda edición. Madrid: Editorial Gredos, 1991.
- CRUSE, D. A. The Lexicon. In: ARONOFF, M.; REES-MILLER, J. (Eds.). ***The Handbook of Linguistics***. Oxford: Blackwell Publishers, 2001.
- Direção Geral de Educação - MEC ***Aprendizagens essenciais de Português***. Documentos do 1.º ao 6.º ano de escolaridade. Lisboa: Ministério da Educação, 2018.
- FERREIRA, Juliana; MOREIRA, Elsa; MORGADO, Celda. Ensino das relações de sinonímia entre palavras no 1.º CEB: vamos (des)construir? In: ***Atas do 1º Seminário — O 1.º ciclo do Ensino Básico. Que identidade(s)? — Currículo, práticas e formação docente***. Porto: Escola Superior de Educação, p. 1-15, 2019.
- GUTIERREZ-ORDOÑEZ, Salvador. ***Introducción a la semántica funcional***. Madrid: Editorial Síntesis, 1996.
- LEHMANN, A. & MARTIN-BERTHET, Françoise. ***Introduction à la lexicologie***. 3<sup>ème</sup> édition. Paris: Armand Colin, 2008.
- LETRA, Carlos; BORGES, Miguel. O Mundo da Carochinha 2. ***Manual de Português de 2.º ano de escolaridade***. Lisboa: Gailivro, 2012.
- LYONS, John. ***Semantics***. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- MORGADO, Celda; BAPTISTA, Adriana; COSTA, José António; QUERIDO, Joana; OLIVEIRA, Inês. ***Parecer sobre os documentos em discussão pública intitulados "Aprendizagens Essenciais" de Português do 1.º ao 6.º ano***, 2018. Referência OFC/PR/092/2018.
- OSTRÁ, Bùebna. Structures lexicales et oppositions sémantiques. ***Études romanes de Brno XVIII***, 9-18, 1987.
- SERRA, Miquel; SERRAT, Elisabet; SOLÉ, María Rosa; BEL, Aurora; APARICI, Melina. ***La adquisición del lenguaje***. Barcelona: Ariel, 2013.
- SILVA, Augusto Soares. ***O mundo dos sentidos em português. Polissemia, semântica e cognição***. Coimbra: Almedina, 2006.
- TEIXEIRA, José. Relações linguísticas de antonímia: O insucesso da Lógica e o valor da cognição humana. In: MARQUES Maria Aldina; KOLLER, Erwin; TEIXEIRA, José; A. S. LEMOS, Aida Sampaio (Orgs.). ***Ciências da Linguagem: 30 anos de investigação e ensino***. Braga: Universidade do Minho, 2005.